

DÓRIA, Jorge (Jorge Pires Ferreira, Rio de Janeiro, 12.12.1920). Ator e argumentista. Vindo de uma família de militares, entre os quais o Tenente Fileto Pires Ferreira foi governador do Amazonas (1896-1898), um Estado por muito tempo dirigido pelas Forças Armadas, matriculou-se no Colégio Militar no Rio de Janeiro, não chegando a fazer carreira de oficial. Entrou para o serviço público, trabalhando no Conselho Técnico de Economia e Finanças, sob a direção de Valentim Bouças. Graças aos contatos com o general Firmo Freire, conseguiu um cargo no ministério da Fazenda, do qual veio a se aposentar na década de 1970.

Sem nunca ter freqüentado uma escola de teatro, apenas seguindo a vocação aliada a uma boêmia desbragada, estreou com uma peça de sua autoria, *As pernas da herdeira*, encenada com a vedete Zaquia Jorge. Como autodidata, o seu aprendizado foi o palco, em peças digestivas, onde havia a possibilidade de inserção do caco (a fala ou gesto improvisado), da ação espontânea do ator. Descoberto pelo teatrólogo Luís Iglésias, passou para a Cia. Eva Todor, na qual, entre 1952 e 1957, atuou ao lado de atores consagrados como Henriette Morineau, Elza Gomes, Manuel Pêra e Afonso Stuart. Foi uma época de aprendizado em pequenos papéis, servindo de “escada” (ator que dá a deixa para a participação dos atores principais do espetáculo). Somente com a saída de André Villon foi que ganhou seu primeiro papel de galã ao lado de Eva Todor. Depois de ter participado de dezenas de peças, entre as quais *Fausto da Silva* (Paulo Pontes), *O pagador de promessas* (Dias Gomes), *Os pais abstratos* (Pedro Bloch, que ficou dois anos em cartaz), *Freud explica! Explica?*, *Plaza Suite*, *Chicago 1930*, *Os sete gatinhos* (Nelson Rodrigues), marcou um grande sucesso com *A gaiola das loucas*, adaptada pelo teatrólogo João Bethencourt., que ficou cerca de três anos em cartaz. Seu último sucesso foi o papel de Harpagon em *O Avarento*, de Molière, com a qual circulou pelo país por cinco anos (1999-2003). Entrou na televisão em substituição a Jece Valadão, chamado por Ruy Guerra para *Os cafajestes*. Trabalhou em novelas da TV-Globo, *Bandeirantes* e *Manchete*. A estréia no gênero foi em 1970 em *E nós aonde vamos*, da TV-Rio, seguindo a participação na série *A grande família*, de Oduvaldo Viana Filho (1973), no papel de Lineu. Entre novelas, minisséries e participações especiais já fez 25 trabalhos para televisão, sendo que o último foi na longa *Malhação* (2003).

Começou no cinema como coadjuvante em *Mãe*, de Teófilo de Barros, passando a seguir para a Atlântida, onde atuou e escreveu argumentos. Interpretou poucas vezes entre 1948 e 1951, fazendo, curiosamente, papéis dramáticos como em *Também somos irmãos*, melodrama sobre o racismo, e *Maior que o ódio*, para o qual também escreveu o argumento, dividindo o papel principal com Anselmo Duarte. O melodrama narrava a vida de dois amigos de infância, um se dirigindo para a vida do crime (Duarte) e o outro o da retidão na pobreza (Dória). O amigo mau envolve o outro no roubo da fábrica onde trabalhava, ação que culminara com a perseguição e morte de Duarte no antigo bairro onde os dois passaram a infância. Os argumentos que escreveu para *Amei um bicheiro* e *Mulheres e milhões*, ambos policiais, foram muito bem recebidos pela crítica. Dividido entre os trabalhos para o teatro e a televisão, o cinema recebeu uma parcela menor das atenções do ator. Durante a década de 1960, para ele foram reservados os papéis de delegado e advogado, como em *Assalto ao trem pagador* e *Cuidado espião*

brasileiro em ação!, ou então em pequenas pontas, como o Jarbas de *As duas faces da moeda*. Com o papel na película de Roberto Farias ganhou o prêmio Saci de Melhor Ator Coadjuvante, em 1962. Esses personagens dispensavam grande empenho para existir, deixando o ator livre para trabalhos em teatro ou TV. Com o gênero erótico desenvolvido na pornochanchada carioca, seu tipo debochado foi aproveitado em vários filmes de Alberto Pieralisse e Victor di Mello, alguns deles em que Carlo Mossy fazia o papel principal, reservando-se para Dória o papel de marido cornudo ou pai priápico.

Durante a última década o ator reservou a maior parte do seu tempo para os trabalhos em televisão, mesmo porque a crise do cinema foi profunda e longa. Dória faz parte do quarteto de atores consagrados do cinema brasileiro como o “vilão” José Lewgoy, o “malandro” Hugo Carvana e o carioquíssimo, Antonio Pedro.

JOSÉ INACIO DE MELO SOUZA

1 1/2 laudas, 688 palavras, 3443 caracteres, 4 parágrafos e 57 linhas.

Filmografia:

Como ator: 1948, Mãe, Brasil; 1949, Também somos irmãos, Brasil, 1951, Maior que ódio, Brasil; 1962, O assalto ao trem pagador, Brasil; 1963, Crime no Sacopã, Brasil; 1964, Os vencidos, Brasil; 1964, Procura-se uma rosa, Brasil; 1964, Asfalto selvagem, Brasil; 1964, O beijo, Brasil; 1965, História de um crápula, Brasil; 1966, O mundo alegre de Helô, Brasil; 1966, Cuidado! Espião brasileiro em ação, Brasil; 1968, Juventude e ternura, Brasil; 1969, Viver de morrer, Brasil; 1969, As duas faces da moeda, Brasil; 1970, Pais quadrados... filhos avançados, Brasil; 1970, É Simonal, Brasil; 1971, Minha namorada, Brasil; 1971, O pecado de Marta, Brasil; 1971, O doce esporte do sexo (episódio O Filminho), Brasil; 1971, Bonga, o vagabundo, Brasil; 1972, Os devassos, Brasil; 1972, Eu transo, ela transa, Brasil; 1973, como é boa a nossa empregada, Brasil; 1973, As aventuras de um detetive português, Brasil; 1974, Um verão entre as mulheres (cinco episódios), Brasil; 1974, Oh! Que delícia de patrão (dois episódios), Brasil; 1974, Avante C.C.S., Brasil, CM; 1974, O comprador de fazendas, Brasil; 1975, Um soutien para papai, Brasil; 1975, As secretárias que fazem de tudo, Brasil; 1975, Com as calças na mão, Brasil; 1976, Ninguém segura essas mulheres (episódio Marido que volta deve avisar), Brasil; 1978, Os melhores momentos da pornochanchada (episódio A Ninfomaníaca), Brasil; 1978, A dama do loteação, Brasil; 1978, Assim era a pornochanchada (segundo episódio), Brasil; 1979, Teu tua (dois episódios), Brasil; 1981, O seqüestro, Brasil; 1981, Com o sexo na cabeça, Brasil; 1983, Perdoa-me por me traíres, Brasil; 1985, Pedro Mico, Brasil; 1988, A dama do cine Shanghai, Brasil; 1997, Traição (episódio Diabólica), Brasil; 2003, O homem do ano, Brasil

Como argumentista: 1951, maior que o ódio, Brasil; 1952, Amei um bicheiro, Brasil; 1957, Absolutamente certo, Brasil; 1961, Mulheres e milhões, Brasil; 1968, Cristo de lama, Brasil; 1968, Juventude e ternura, Brasil; 1969, A penúltima donzela, Brasil.

Fontes: IMDB e Cinemateca Brasileira